

NOTAS SOBRE OS DRAMAS SATÍRICOS FRAGMENTÁRIOS DE EURÍPIDES

Wilson Alves RIBEIRO JUNIOR

O drama satírico (σατυρικόν δράμα, τὸ σατυρικόν), juntamente com o ditirambo, a tragédia e a comédia, constituiu um dos quatro pilares da cultura performática de Atenas no final do Período Arcaico e no Período Clássico. O gênero foi oficialmente introduzido nos festivais em honra a Dioniso no final do século VI a.C., mais ou menos na mesma época do ditirambo (507 a.C.), algum tempo depois da tragédia (534 a.C.) e bem antes da comédia (486 a.C.). De acordo com a *Suda*, o poeta trágico Pratinas (fl. 507-496 a.C.) πρώτος ἔγραψε Σατύρους, ‘foi o primeiro a compor dramas satíricos’,¹ mas talvez seja mais prudente considerá-lo, por enquanto, apenas o introdutor desse gênero dramático em Atenas.

O drama satírico tem, além de características próprias como a presença dos sátiros, vínculos com a comédia e com a tragédia. Embora o final sempre feliz e outros elementos cômicos evoquem a comédia, a estrutura cênica, a métrica e a dramatização do mito estão mais próximos da tragédia. Em comparação com a comédia

¹ Sua única data conhecida, também informada pela *Suda* (s.u. Πρατίνας = π. 2230) se refere à competição entre ele, Quérilo e Ésquilo em um dos concursos trágicos disputados na época da 70ª Olimpíada (499-496 a.C.). Ver Nogueiras (2013).

antiga, não há ataques a personagens contemporâneos, há um distanciamento mítico em relação ao dia-a-dia do cidadão comum e não há paródias de tragédias.² A afinidade do drama satírico com a tragédia transparece, também, no fato de os dramas satíricos terem sido criados pelos poetas trágicos e não pelos poetas cômicos. Sua principal função nas Dionísias Urbanas era entreter e relaxar o público, ou seja, fornecer um alívio cômico logo após a representação de três tragédias seguidas. Essas propriedades eram reconhecidas pelos eruditos antigos, e.g. Diomedes Grammaticus (*CGL* 1.491), Afônio (*CGL* 6.82)³ e Fócio (s.u. Σατυρικὰ δράματα). Demétrio, no parágrafo 169 de seu tratado *Sobre o Estilo*,⁴ escrito no século II a.C., definiu o drama satírico como τραγωδία παίζουσα, ‘tragédia divertida’.

Pratinas parece ter criado cerca de 32 dramas satíricos e Ésquilo (c. 525-455 a.C.) escreveu 17, pelo menos, mas acredita-se que há lacunas nas listas de suas obras. Sófocles (c. 497-406 a.C) escreveu 13, com certeza, e talvez mais seis ou sete; Eurípides (c. 485-406 a.C), dez. Muitos poetas trágicos ditos “menores”, conhecidos apenas pelo nome, pelo título dos dramas ou por fragmentos de hipóteses e de versos, também compuseram dramas satíricos de sucesso. Os de Aqueu de Erétria, por exemplo, eram considerados pelo filósofo Menedemo de Erétria (345–260 a.C.) inferiores somente aos de Ésquilo (D.L. 2.133-4). Aqueu (c. 484 e 405 a.C.), contemporâneo de Eurípides, escreveu pelo menos sete dramas satíricos, conhecidos apenas pelo título e por magros fragmentos.

Dispomos, infelizmente, de um único drama satírico completo, o *Ciclope* (Κύκλωψ) de Eurípides, e de fragmentos substanciais de um outro, o *Rastejadores* (Ιχθυεῖται) de Sófocles. De todos os demais,

² Para as relações entre tragédia, comédia e drama satírico ver Seidensticker (2005, p.46-47), Dobrov (2007), Barbosa (2012, p.19-27) e Pritchard (2012, p.2).

³ Menção usualmente atribuída ao gramático Gaius Marcus Victorinus (*CGL* 6.81-82), e.g. Seidensticker (2005, p.48) e Zimmermann (2011, p.619). Sabe-se atualmente que os quatro livros do tratado *De Metris* do gramático Aelius Festus Aphthonius foram acrescentados, na Antiguidade, à *Ars Grammatica* de Victorinus.

⁴ Περὶ ἑρμηνείας. Esse Demétrio não é, como já se acreditou, o orador Demétrio de Faleron (c. 360-280 a.C.).

escritos e apresentados pelos poetas trágicos gregos desde os primórdios dos festivais atenienses, temos apenas o título, curtas passagens de algumas hipóteses, várias inferências sobre o mito envolvido e pouquíssimos fragmentos de diálogos, monólogos e cantos. A perda é, indubitavelmente, maior do que no caso das tragédias e comédias.

Para preencher as lacunas em nossos conhecimentos, faz-se necessário um estudo sistemático de fragmentos, mitos e demais informações disponíveis sobre todos os dramas satíricos. Nesta oportunidade, serão discutidas apenas as informações mais significativas sobre os dramas satíricos incompletos de Eurípides. Para melhor contextualizar os fragmentos conhecidos, serão apresentadas inicialmente algumas informações gerais a respeito desse gênero dramático.

Generalidades

Do final do século VI até meados do século IV a.C., o drama satírico era a última peça da tetralogia inscrita pelos poetas nos concursos trágicos, sempre apresentado depois das três tragédias de cada autor. Em algum momento do século IV a.C., possivelmente c. 340 a.C. (*JG II*² 2320), os três dramas satíricos foram reduzidos a uma produção única, apresentada no início do concurso e antes das tragédias (PICKARD-CAMBRIDGE, 1988; SHAW, 2014).

A julgar pela progressiva redução da quantidade de dramas satíricos entre a época de Pratinas e a de Eurípides, provavelmente o gênero viveu o seu período áureo nas primeiras décadas do século V a.C. e entrou em decadência na época dos primeiros dramas conservados de Eurípides (*Alceste* é de 438 a.C. e *Medeia* de 431 a.C.). Daí em diante os dramas satíricos aparecem cada vez menos nas listas de dramas representados nos concursos atenienses.

O argumento básico é relativamente simples e parece ter se estabelecido na época de Pratinas ou pouco antes. Lissarrague (1990, p.236) afirmou, um tanto jocosamente, que os poetas trágicos seguiam uma receita simples: “pegue um mito, junte sátiros, observe os resultados”. Em geral se utilizava o mesmo mito abordado nas tragédias que o precediam, mas um aspecto leve e jovial dos problemas do herói trágico ou um elemento do mesmo mito que se considerava

engraçado. Muitas vezes um coro de indefesos e amedrontados sátiros e seu líder, o idoso Sileno, aprisionados e escravizados por um *ogro* — ser poderoso, malvado, cruel, injusto, ímpio, tirânico, etc. — conseguiam sua liberdade (ou algum tipo de recompensa) no final do drama, após a intervenção de um herói poderoso e resoluto, que atuava em situação relativamente perigosa para o herói e para os sátiros, mas que sempre acabava bem (SEIDENSTICKER, 2005; PRITCHARD, 2012).

Ao contrário do Coro da tragédia e da comédia, os sátiros e Sileno participavam ativamente da ação dramática. Sua atuação era particularmente destacada em um segundo tipo de enredo, comum nos dramas satíricos de Êsquilo e de Sófocles: uma tarefa era atribuída ou imposta aos sátiros, que se desdobravam para realizá-la enquanto exibiam seu comportamento habitual, ou então tentavam, hilariamente, fazer algo totalmente diferente de suas atividades usuais. Havia provavelmente um terceiro tipo ainda mais simples: os sátiros eram arbitrariamente inseridos em mitos dos quais nunca tinham participado e simplesmente mostravam sua “natureza hedonística e covarde” (KOVACS, 2001, p.53) em cena.

O tema do *Ciclope* de Eurípides⁵, versão simplificada e dramatizada do homérico encontro entre Odisseu e Polifemo na ilha dos ciclopes (*Od.* 9.166-566), segue de perto o primeiro tipo de enredo. Evidentemente, Odisseu é o herói e Polifemo, o ogro opressor, mas observe-se que o Polifemo de Eurípides é mais “civilizado”, mais intelectualizado e menos vilanesco do que o de Homero.

Rastejadores, de Sófocles,⁶ se baseia no mito do roubo de gado de Apolo e na invenção da lira, contados no longo *hino homérico a Hermes* (*h. Merc.* = *h. Hom.* 4), poema épico traduzido pela primeira vez para o português pela Maria Celeste (DEZOTTI, 2010). Os personagens são Apolo, a ninfa Cilene e Hermes; Apolo aparece

⁵ O poeta trágico Aristias (*fl.* c. 460 a.C.) também escreveu um drama satírico com o mesmo título. O texto do *Ciclope* de Eurípides está disponível em português (BRANDÃO, 1987; SOARES, 2009).

⁶ O texto fragmentário de *Rastejadores* está também disponível em português: Palmeira (1973) e Barbosa (2012) – edição bilíngue com notas filológicas e índice das palavras gregas).

no início e Hermes, provavelmente, no final da peça. Como no *hino homérico*, o gado é roubado pelo bebê Hermes; Apolo, logo no início do drama, oferece a liberdade a Sileno e aos sátiros caso encontrem as reses desaparecidas. A maior parte da ação mostra os sátiros literalmente farejando as pistas do gado desaparecido e se comportando de acordo com sua natureza, configurando assim um enredo do segundo tipo.

O terceiro tipo de enredo aparece somente em dramas satíricos fragmentários, e.g. *Puxadores de Rede*, de Ésquilo (Δικτυουλκοί, Fr. **46a-**47c),⁷ baseado no mito de Dânae, descrito por Ferécides (FGrH 3 F 10 = Σ A.R. 4.1091). Lançados ao mar por Acrísio, Dânae e o bebê Perseu atingem a ilha de Sérifo dentro de uma caixa fechada, arrastada para a praia por pescadores e pelos sátiros. A caixa é então aberta pelos sátiros, que passam a assediar ruidosamente a belíssima Dânae, provavelmente “salva” por Dictis no final.

Os sátiros e Sileno, espécie de sátiro muito mais idoso, são personagens obrigatórios desse gênero dramático. Não são mencionados nem por Homero e nem por Hesíodo, os mitógrafos mais antigos; sua ascendência é indefinida (talvez Hermes, ver Nonn. 14.105-17) e a participação nas lendas gregas conhecidas é marginal e incidental. A primeira menção aos sátiros está no pseudo-Hesiódico *Catálogo das Mulheres* (Fr. 10.13-19 Most), composto entre 580 e 520 a.C.: não há descrição de seu aspecto físico, mas o poeta já informa que eles são inúteis, frívolos e gostam de danças. A primeira menção a Sileno encontra-se nos vv. 262-3 do *hino Homérico a Afrodite*, datado do século VII a.C., mas somente as relações amorosas entre “silenos” (assim mesmo, no plural) e ninfas nas grutas são citadas, sem nenhuma descrição física dos personagens. Somente no século VI a.C., mais exatamente no *Vaso François*,⁸ encontramos três figuras nomeadas ΣΙΑΕΝΟΙ, ‘silenos’, no painel que representa o episódio mítico conhecido por *retorno de Hefesto ao Olimpo*. Eles têm orelhas equinas, caudas, falos eretos, pernas de corça e acompanham

⁷ A tradução de um longo fragmento está disponível em português no artigo de Aun (2009, p.87-88).

⁸ Florença, Museo Archeologico 4209, c. 570 a.C. Imagens disponíveis em <commons.wikimedia.org/wiki/Category:François_vase>.

Dioniso e Hefesto; um deles carrega um odre de vinho, outro toca o aulos e o terceiro abraça uma ninfa. Essa antiga imagem resume, creio eu, as principais características desses personagens.

Nos vasos gregos posteriores, sátiros e silenos estão representados de forma variável, com pernas humanas ou com pernas de bode, com e sem a cauda de cavalo e as orelhas pontudas características, com barba e sem barba, com cabelo e sem cabelo, mas frequentemente com o falo ereto. E as duas denominações, “sátiro” e “sileno”, eram usadas para os mesmos personagens. A figura de Sileno como versão mais velha dos sátiros mais jovens, muitas vezes considerados seus filhos, pode ter sido uma inovação dos mais antigos dramas satíricos atenienses. Durante o Período Clássico, sátiros e silenos eram considerados parte do cortejo de Dioniso, deus do vinho e do teatro, e eram representados com frequência nos vasos de figuras vermelhas.

O ogro usualmente é um rei, como Euristeu (e.g. *Euristeu*, de Eurípides, q.u.); um deus, como Dioniso (e.g. *A Sagrada Delegação ou Nos Jogos Ístmicos*, de Ésquilo),⁹ ou um monstro, como Polifemo (e.g. *Ciclope*, de Eurípides). O herói do drama satírico, em geral uma das figuras mais proeminentes da mitologia, está reduzido a uma dimensão subalterna e socialmente inferior (e.g. o poderoso Hércules na situação de simples escravo, como no *Sileu* de Eurípides, q.u.).

Os aspectos visuais do drama satírico tinham também sua particularidades. Diferentemente da tragédia e da comédia, que representavam palácios e santuários (tragédias) ou a cidade (comédia) no fundo do palco, o cenário dos dramas satíricos evocava o ambiente natural dos sátiros, isto é, a natureza intocada: paisagens com árvores, cavernas, montanhas, desertos, praias, etc. (Vitr. 5.6.9; LISSARRAGUE, 1990). Os membros do Coro naturalmente se vestiam de sátiros, como se vê em numerosos vasos e, em especial, no célebre *Vaso de Pronomos*;¹⁰ os outros personagens utilizavam

⁹ Nesse exemplo específico há uma variante: os sátiros provavelmente se reconciliavam com o ogro-deus no final da peça (SOMMERSTEIN, 2008, p.83).

¹⁰ Nápoles, Museo Archeologico Nazionale 3240, c. 410 a.C. Imagens disponíveis em <www.perseus.tufts.edu/hopper/artifact?name=Naples+3240&object=vase>.

os trajes habituais da tragédia. A dança dos sátiros, denominada σίκτιννις, era especialmente barulhenta, rápida e agitada, acompanhada de gritos, chutes, saltos e cambalhotas (ver Pratin. *Fr.* 3; A. *Fr.* 204b; *Rastejadores*, vv. 217-223; S. *Fr.* 1130; *Ciclope*, vv. 36-40). Segundo Aristóteles (*Po.* 1449a.22-5), a dança é, efetivamente, mais apropriada à sátira.¹¹

A julgar pelo *Ciclope* euripídiano, outra aparente característica do drama satírico é sua curta extensão, pelo menos em comparação com tragédias e comédias. *Ciclope* se desenvolve em apenas 709 versos e, do *Rastejadores* de Sófocles, chegaram até nós somente 400 versos, mas julgo que a parte perdida não é mais longa do que a que conhecemos. Uma pequena marca esticométrica nos *P. SI* 1209 e *P. Oxy* 2161 (A. *Fr.* 47a) sugere, por outro lado, que o *Puxadores de Rede* de Êsquilo tinha bem mais de 800 versos (SOMMERSTEIN, 2008; AUN, 2009).

Os dramas satíricos de Eurípidés

Na lista de obras de Eurípidés, composta por dados do *Marmor Albanum* (IG XIV 1152), da *Lista de Efebos do Pireu* (IG II/III² 2363) e do *P. Oxy.* 2456, há pelo menos nove dramas com o título acompanhado da abreviatura σατ., correspondente a σατυρικόν, que identifica os dramas satíricos reconhecidos como tais (RIBEIRO JUNIOR, 2011).¹² A eles os eruditos modernos acrescentam *Lâmia*, cujo único fragmento era anteriormente associado ao drama satírico *Busíris*.

Isto posto, os dramas satíricos incompletos de Eurípidés — comprovados ou altamente suspeitos — são: *Autólico A*, *Autólico B* (Αὐτόλυκος α', Αὐτόλυκος β'), *Busíris* (Βούσιρις), *Euristeu* (Εὐρυσθεὺς), *Os Ceifeiros* (Θερισταί), *Lâmia* (Λάμια), *Sísifo*

¹¹ Esse fragmento de Sófocles, atribuído ao drama satírico *Eneu* por Lloyd-Jones (2003, p.418-421), está entre os *dubia et spuria* de Radt (1999, p.636-638). Para mais informações e referências, ver Easterling (1997, p.42-43) e Seidensticker (2005, p.45-46).

¹² O mesmo não ocorre nas listas de Êsquilo e de Sófocles; os dramas precisam ser analisados um a um.

Wilson Alves Ribeiro Junior

(Σίσυφος), *Círon* (Σκίρων) e *Sileu* (Συλεύς.). O quadro 1 mostra esses dramas em ordem alfabética, juntamente com o *Ciclope*, e o que temos de cada um deles.¹³

Quadro 1 – Os dramas satíricos de Eurípides.

TÍTULO	HIPÓTESE	FRAGMENTOS	VERSOS
Αὐτόλυκος σατ. α΄ Αὐτόλυκος σατ. β΄	<i>Testimonium</i>	<i>Fr.</i> 282-4	33
Βούσιρις σατ.	<i>P. Oxy.</i> 3651	<i>Fr.</i> 313-5	2 + 3 palavras
Εὐρυσθεὺς σατ.	—	<i>Fr.</i> 371-380 + 863	21 + 3 palavras
Θερισταὶ σατ.	—	—	—
Κύκλωψ σατ.	<i>Laurentianus plut.</i> 32.2	—	709
*Λάμια	<i>P. Oxy.</i> 2445 fr. 19	<i>Fr.</i> 472m	2
Σίσυφος σατ.	<i>P. Oxy.</i> 2445 fr. 5 e *7	<i>Fr.</i> 673-674	2 + 1 palavra
Σκίρων σατ.	<i>P. Oxy.</i> 2445 fr. 6	<i>Fr.</i> 674a-681	10 + 3 palavras
Συλεύς σατ.	<i>P. Strasb.</i> 2676 <i>P. Oxy.</i> 2455 fr. 8 <i>Testimonium</i>	<i>Fr.</i> 686a-687, 694 e *709	24 + 1 palavra

Fonte: Elaboração própria.

Cronologicamente, a ordem dos dramas satíricos eurípidianos é mais ou menos esta: *Autólico A*, *Autólico B*, *Busiris* (aparentemente os três mais antigos); *Ceifeiros* (431 a.C.), *Sileu* (próximo de 430 a.C.), *Sísifo* (415 a.C.), *Euristeu* (c. 415-406 a.C.) e *Ciclope* (c. 409-408 a.C.).¹⁴ Não se tem ideia de quando *Lâmia* e *Círon* foram representados.

¹³ Para o estudo das hipóteses, dos versos fragmentários e das reconstituições conjecturais, foi utilizada a edição de Kannicht (2004), com algumas variantes adotadas por Jouan e Van Looy (1998-2003) ou por Collard e Cropp (2008-2009); a numeração dos fragmentos citados segue a numeração estabelecida por Kannicht (2004). A hipótese e os versos do *Ciclope* foram consultados na edição de Diggle (1984).

¹⁴ Discussões detalhadas sobre a data do *Ciclope*, baseada notadamente na métrica e consideravelmente incerta, podem ser encontradas em Seaford (1982).

Autólico A e Autólico B

Embora o *Autólico* apareça apenas uma vez na lista, sabemos atualmente que Eurípides escreveu dois dramas satíricos com o mesmo nome (*Ath.* 10.413c e *P. Vindob. gr.* 19766). A datação que situa ambos bem antes do *Ciclope* é presuntiva e se baseia, em grande parte, no estilo do texto do *Fr.* 282. Esse fragmento, de 28 versos, contém uma longa inventiva contra os atletas, considerados egoístas e socialmente improdutivos, tema encontrado possivelmente em dramas satíricos mais antigos, como *A Sagrada Delegação ou Nos Jogos Ístmicos*, de Ésquilo (Θεωροὶ ἢ Ἴσθμιασταί, *Fr.* **78a-82), e com certeza no *Fr.* 2 do filósofo pré-socrático Xenófanes.¹⁵ Os eruditos têm tido, até o momento, muita dificuldade em situar o *Fr.* 282 no mito de Autólico e nos dois dramas satíricos.

Autólico era um dos filhos de Hermes, cujo mito é mencionado brevemente por Homero (*Od.* 19.395-6) e por Hesíodo (*Fr.* 65; 67-8 Most) e bem desenvolvido apenas em fontes tardias (*Ov. Met.* 11.313-5, *Ps.-Hyg. Fab.* 201, *Tz. H.* 8.435-53). Ele era notável pela capacidade de enganar, por seus perjúrios e pela capacidade de roubar sem ser descoberto, pois recebera de Hermes o poder de deixar, no lugar daquilo que foi roubado, algo que enganava o dono tão bem que ele não percebia o roubo. Parece que Autólico era até mesmo capaz de alterar as características da “mercadoria” e mudar sua aparência, mas nem assim conseguiu enganar Sísifo, o mais esperto dos mortais e um dos primeiros a colocar marcas em seu gado. Na *Odisseia*, (19.395; 403-12), Autólico é o avô de Odisseu mas, em versões mais tardias (*Σ S. Aj.* 190), ele é o pai; no Pseudo-Higino (op. cit.), foi Sísifo quem engendrou o astuto Odisseu.

Conhecemos as partes do mito que inspiraram os dois dramas, mas nada sabemos sobre o papel dos sátiros nas peças e nem a qual dos dois *Autólicos* podemos atribuir os fragmentos conhecidos. Acredita-se que o drama *A* se baseia no episódio do roubo do gado de Sísifo, conservado pelo Pseudo-Higino, e que o drama *B* trata do

¹⁵ Ver estudo de Pritchard (2012) sobre o tema do atletismo em dramas satíricos.

episódio conservado por Tzetzes, no qual Autólico entrega sua filha Anticleia, mãe de Odisseu, a Sísifo, mas recorre às suas habilidades para trazer a bela moça de volta e deixar em seu lugar um sátiro velho e feio, isto é, Sileno. Talvez o *Fr.* 282a, μηδὲν τῷ πατρὶ / μέμφεσθ' ἄωρον ἀποκαλοῦντες ἀνδρῖον, 'não culpem / o pai, chamando-o de homenzinho feio', possa ser efetivamente atribuído ao segundo *Autólico*.

Busíris

Busíris, legendário rei do Egito (Hdt. 2.45, Plu. *Parall.* 315b, Apollod. 2.5.11), era para os gregos um cruel tirano que sacrificava os estrangeiros aos deuses, como o bárbaro Toas da *Ifigênia em Táuris* de Eurípides (COLLARD; CROPP, v.2, 2008). Segundo Ferécides (*FGrH* 3 F 17 = Σ A.R. 4.1396), Hércules passou por lá a caminho do Jardim das Hespérides (11º trabalho), foi preso e levado ao altar de sacrifícios, mas quebrou as correntes e matou o tirano, o filho dele, o arauto do rei, os sacerdotes, os escravos próximos, etc. etc., e continuou a viagem.

Dispomos apenas de dois versos, de algumas palavras isoladas e de uma hipótese muito fragmentária (*P. Oxy* 3651) que traz claramente as palavras μῆλα, 'maças, pomos' e σάτυροι, 'sátiros'.¹⁶ O tema da peça seguia, portanto, a descrição de Ferécides e os sátiros eram naturalmente escravos de Busíris (*Fr.* 313), um dos mais perfeitos "ogros" dos dramas satíricos conhecidos.

Uma taça ática de figuras vermelhas criada por volta de 450 a.C. mostra, na face externa, Hércules preso e levado por homens negroides ("egípcios", na convenção pictórica grega) até Busíris; na face interna, Hércules está sozinho com um sátiro. Se o vaso reflete especificamente o *Busíris* de Eurípides, este drama satírico é uma de suas mais antigas obras (COLLARD; CROPP, v.1, 2008).¹⁷

¹⁶ Steffen (1971, p.215) acreditava não haver sátiros neste drama satírico de Eurípides. Com a descoberta do *P. Oxy* 3651, creio, essa hipótese deve ser reconsiderada de vez.

¹⁷ Eurípides estreou nos concursos trágicos em 455 a.C. com a tragédia *Peliades* (E. *Fr.* 601-16).

Os Ceifeiros¹⁸

Na hipótese de *Medeia*, Aristófanes de Bizâncio (c. 257-180 a.C.) avisou: o drama οὐ σώζεται, ‘não foi preservado’, ou seja, se perdeu nos primeiros séculos depois da primeira representação. Até hoje praticamente nada se sabe sobre *Os Ceifeiros* além do título e do ano da representação.

Acredita-se que o mito envolvido pode ter sido o de Hércules e Litiêrses, conservado apenas pelos mitógrafos tardios (e.g. Σ Theoc. *Id.* 8.93a e 10. 41, Suid. s.v. Λιτυέρσης e Hsch. s.v. Λιτυέρσης).¹⁹ Litiêrses era filho ilegítimo do rei Midas, vivia na Frígia e recebia muito bem os viajantes, mas os compelia a trabalhar em seus campos e, quando ceifava mais do que eles, cortava-lhes a cabeça e prendia seus corpos em feixes de trigo. Hércules o venceu e lhe deu destino semelhante, lançando porém o corpo no rio Meandro.

Se o drama satírico realmente se referia a essa lenda, Hércules era o herói; Litiêrses, o ogro; e os sátiros, como de praxe, serviam Litiêrses a contragosto, talvez trabalhando nos campos e recolhendo os corpos dos passantes assassinados.

Sileu

A mais antiga menção literária a Sileu, filho de Posídon, é o drama satírico homônimo apresentado por Eurípidēs por volta de 430 a.C. Cenas de vasos anteriores a 460 a.C. mostram Sileu, Hércules e às vezes Xenodoce ou Xenodice, a bela filha de Sileu, sem sátiros por perto, o que atesta que o episódio não foi inventado por Eurípidēs. As outras fontes literárias são tardias, e.g. Apollod. 2.6.3, DS 4.31, Tz. *H.* 2.412-38 e *Proll. Com.* 2.62-70, Conon 17.

Sileu possuía uma vinha e obrigava os passantes a trabalhar durante o dia, para depois roubá-los e matá-los à noite. Hércules, que

¹⁸ A tetralogia *Medeia*, *Filoctetes*, *Dictis*, *Cefeiros* obteve o terceiro lugar nas Dionísias Urbanas de 431 a.C. (E. *Med. arg.*).

¹⁹ Sosíteo (saec. III a.C.), um dos poetas da pléiade alexandrina, compôs um drama satírico intitulado *Dáfnis ou Litiêrses* (Δάφνις ἢ Λιτυέρσης <σατυρικός>), do qual restam dois ou três fragmentos.

havia sido vendido como escravo à rainha Ônfale para expiar a morte involuntária de seu amigo Ífito, certa vez passou pela propriedade de Sileu. O herói não se negou a trabalhar na vinha, mas à noite achou mais apropriado comer, beber, matar o hospedeiro, inundar o lugar desviando um rio próximo e seduzir a bela Xenodoce / Xenodice. Na versão de Tzetzes (*Proll. Com.* 2.62-70), Hércules foi vendido como escravo a Sileu, e não a Ônfale.

O texto de Tzetzes combina perfeitamente com as duas hipóteses fragmentárias conhecidas (Quadro 1) e com os fragmentos disponíveis; conseqüentemente, acredita-se que reproduz o enredo básico do *Sileu*. A estrutura dramática segue o padrão ogro-sátiros-herói e os personagens são Hércules, Sileu, Hermes, Xenodoce,²⁰ os sátiros e Sileno. Nas reconstituições mais plausíveis, Hermes vende Hércules a Sileu, e deve ter sido muito cômica a cena que mostrava o hábil deus se desdobrando (*Fr.* 690) para convencer Sileu a comprar um escravo de aspecto feroz (*Fr.* 689), coberto por uma pele de leão e com uma assustadora clava na mão (*Fr.* 688), para auxiliar o amo nas tarefas agrícolas. Como era de se esperar, após um dia de trabalho o novo escravo começa a comer e a beber de forma ainda mais escandalosa do que a descrita na *Alceste* de Eurípides (vv. 747-802). Arranca as vinhas, junta-as em uma fogueira para assar o melhor boi do patrão e ainda o desafia a beber mais do que ele (*Fr.* 691). Sileu fica furioso e repreende asperamente o novo escravo (*Fr.* 687 e 692?), mas sem dúvida perde a discussão devido ao argumento esmagador apresentado por Hércules fora das vistas do público (*Fr.* 693). Depois de descrever a morte do pai e a inundação à audiência, Xenodoce é provavelmente seduzida pelo herói (*Fr.* 694). Os sátiros também eram escravos de Sileu e devem ter sido libertados após sua morte.

²⁰ Enquanto Ξενοδόκη significa 'justa com os estranhos / estrangeiros', Ξενοδόκη significa 'à que entretém estranhos / estrangeiros.' A segunda versão é, certamente, mais apropriado a personagens de drama satírico ou de comédia.

Sísifo²¹

Sabemos pouca coisa desse drama satírico e um dos principais problemas para a reconstituição conjectural é a falta de um mito que envolva adequadamente Sísifo, o mais astuto e inescrupuloso personagem da mitologia grega (*Od.* 11.593-600, *Apollod.* 1.9.3; 12.6, etc.), e Hércules. A inexistência de uma tradição mítica com essas características certamente não deteria Eurípides, mas existe uma possibilidade razoável: o episódio brevemente mencionado por Probo (*ad Verg. Georg.* 1.137), no qual Sísifo teria roubado as éguas carnívoras de Diomedes enquanto Hércules as levava para Euristeu (8º trabalho). Essa possibilidade não é aceita, porém, por todos os estudiosos, que ainda discutem a atribuição das duas hipóteses fragmentárias do *P. Oxy.* 2455 ao *Sísifo* ou a outros dramas satíricos.

Considerando-se o título deste drama, o ardiloso Sísifo é um dos personagens e, como no *Fr.* 673 alguém se dirige ao ‘filho de Alcmena’, é muito provável que Hércules também seja. Ignoramos qual é a participação dos sátiros na ação, mas talvez eles tenham sido encarregados de “farejar” e localizar as éguas roubadas, configurando assim um drama satírico com enredo do segundo tipo.

Euristeu

A data da representação é incerta, talvez 415-406 a.C., conforme estimativa de Pechstein (1998) baseada em paralelos com o *Hércules* de Eurípides. O mito envolvido é o dos 12 trabalhos de Hércules (*Apollod.* 2.4-7), fruto da forçada submissão do herói a Euristeu, rei de Micenas, Tirinto e Mideia (*Il.* 19.95-133).

Não dispomos de hipótese e nem de outras evidências que permitam reconstituir o enredo. No *Fr.* 371, atribuído a Hércules, o personagem diz πέμπεις δ’ ἐς Ἅιδου ζῶντα καὶ τεθηκότα, ‘tu me envias ao Hades vivo e não morto’; trata-se, conseqüentemente, do 12º trabalho, que envolveu a descida do herói ao Hades, a captura

²¹ A tetralogia *Alexandre, Palamedes, Troianas, Sísifo* obteve o segundo lugar nas Dionísias Urbanas de 415 a.C. (*Ael. VH* 2.8).

do terrível Cérbero e seu transporte até Micenas. É verdade que no *Fr.* 373 há uma clara menção à Hidra de Lerna (2º trabalho), mas é possível que se trate, apenas, da rememoração dessa façanha (JOUAN; VAN LOOY, v.2, 1998-2003).

No *Fr.* 372, alguém (Hércules?) usa o vocativo ὦ γεραῖέ para se dirigir a alguém, provavelmente Sileno. Ele e os sátiros eram escravos de Euristeu (*Fr.* 375) e, como o 12º foi o último trabalho de Hércules, herói e sátiros certamente se livram da servidão no final.

*Lâmia²²

De acordo com Duris de Samos (*FGrH* 76 F 17), Lâmia era uma matadora de crianças, espécie de bicho-papão que se escondia em uma gruta. Originalmente, havia sido uma bela moça de raça líbia, castigada por Hera devido a uma das usuais aventuras de Zeus.

Disponemos apenas de dois versos que representam, possivelmente, o início do prólogo, apresentado pela própria Lâmia. Não há hipóteses conhecidas e, além da obrigatória presença dos sátiros, nada mais se sabe.

Círon

Nas versões mais conhecidas da lenda (e.g. D.S. 4.59.4 e *Plu. Thes.* 10; 25), Círon era um dos bandidos mortos pelo jovem Teseu na sua viagem de Trezena a Atenas. Círon obrigava os passantes a lavar-lhe os pés e depois os jogava do alto de um rochedo. Teseu, por sua vez, o jogou do alto do rochedo.

A hipótese parcial que chegou até nós (*P. Oxy* 2455 fr. 6),²³ a mais completa dos dramas satíricos fragmentários conhecidos, informa que Círon ocupa uma rocha, vive de roubos e faz Sileno vigiar a entrada do desfiladeiro; os sátiros chegam então ao local, dançando e

²² Título conjectural aposto pelos eruditos modernos (não conhecemos o título dado ao drama satírico na Antiguidade).

²³ Alguns estudiosos acreditam que o *P. Amherst* 2.17 (saec. VI-VII d.C.) contém, igualmente, uma parte da hipótese. Ver discussão em Jouan e Van Looy (v.3, 1998-2003, p.41).

na companhia de prostitutas. Conjugando-se essas informações com o relato de Plutarco, parece que *Círon* é um drama satírico com ogro (Círon) e herói (Teseu), assim como *Ciclope*, *Euristeu*, *Os Ceifeiros* e *Sileu* (qq.u.). Aparentemente, os sátiros e Sileno são escravos do ogro, obrigados por ele a atrair os passantes por meio de prostitutas (*Fr.* 675). Teseu aparece (*Fr.* 676), mata o ogro e liberta os sátiros.

Os *Fr.* 676 e 679 contêm alusões veladas a Procusto e a Sínis, dois vilões mortos por Teseu na mesma viagem em que matou Círon, talvez uma fala de Sileno ou de um dos sátiros dirigida a Teseu. Nos dois meios versos do *Fr.* 678, ἔστι τοι καλὸν / [τοῦς] κακοὺς κολάζειν, 'é belo, vês, castigar malfeitores' há provavelmente uma alusão às façanhas de Teseu em sua viagem a Atenas e ao tradicional castigo do ogro nos dramas satíricos.

Conclusão

Ciclope, o único drama satírico que chegou integralmente até nós, pode ter sido um dos últimos dramas satíricos de Eurípides, o que dá a inquietante impressão de só conhecermos razoavelmente esse gênero dramático em seu ocaso.

Muitas tragédias fragmentárias de Eurípides se referem a mitos bem conhecidos, têm hipóteses parciais e quantidade relativamente grande de fragmentos (alguns deles bem extensos), o que permitiu aos estudiosos a reconstrução de várias tragédias — e.g. *Erecteu*, *Hipsípila* e *Antiope* — com razoável fidelidade. O mesmo não vale, infelizmente, para os dramas satíricos eurípidianos, cujas reconstruções são excessivamente conjecturais, dada a escassez de hipóteses e fragmentos.

Observe-se que, em muitos deles, não sabemos nem mesmo a exata participação de Sileno e dos sátiros na trama. Com certeza predominam os enredos do primeiro tipo (ogro-herói-sátiros), mas deve-se levar em conta a escassez de nossas informações. Futuras descobertas certamente mostrarão que a riqueza temática do drama satírico eurípidiano é muito mais ampla do que suspeitamos no momento.

Nota-se, ainda, na comparação entre tragédias completas e fragmentárias, que uma das mais instigantes características de Eurípides eram a experimentação e a inovação, e o impacto de suas ideias sobre a *ποίησις*, a ‘criação’ trágica, se estendem aos poetas trágicos e cômicos que o sucederam e até mesmo os dramaturgos da Renascença. Desprovidos e carentes de trechos significativos e de mais informações sobre os dramas satíricos fragmentários de Eurípides, será que um dia poderemos avaliar adequadamente o impacto de seu gênio criador nesse gênero literário tão pouco estudado entre nós?

Teremos, infelizmente, que esperar.

REFERÊNCIAS

AUN, A. L. G. *Diktyoulkoí* - um drama satírico de Ésquilo. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, n.4, p.81-91, 2009. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/2057/2006>. Acesso: 03 mar. 2014.

BARBOSA, T. V. R. **Ícneutas, os sátiros rastreadores**: Sófocles. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012.

BRANDÃO, J. S. **Eurípides e Aristófanes**: um drama satírico, O Ciclope, e duas comédias, *As Rãs e As Vespas*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

COLLARD, C.; CROPP, M. **Euripides fragments**. Cambridge; London: Harvard University Press, 2008-2009. 2v.

DEZOTTI, M. C. C. H. Hom. 4: A Hermes. In: RIBEIRO JUNIOR, W. A. (Org.). **Hinos homéricos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2010. p.406-453.

DIGGLE, J. **Euripidis fabulae, tomus I**. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1984.

DOBROV, G. W. Comedy and the satyr-chorus. **Classical World**, Baltimore, v.100, n.3, p.251-265, 2007.

Notas sobre os dramas satíricos fragmentários de Eurípides

EASTERLING, P. E. A show for Dionysus. In: EASTERLING, P. E. (Ed.). **The Cambridge companion to Greek Tragedy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.36-53.

JOUAN, F.; VAN LOOY, H. **Euripide, tragedies, tome VIII**. Paris: Les Belles Lettres, 1998-2003. 4v.

KANNICHT, R. **Tragicorum Graecorum fragmenta. Euripides**: Euripides. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 2004. 2v.

KOVACS, D. **Euripides I. Cyclops, Alcestis, Medea**. Rev. corr. ed. Cambridge; London: Harvard University Press, 2001.

LISSARRAGUE, F. Why satyrs are good to represent. In: WINKLER, J. J.; ZEITLIN, F. (Ed.). **Nothing to do with Dionysos?** Princeton: Princeton University Press, 1990. p.228-236.

LLOYD-JONES, H. **Sophocles fragments**. Corr. add. ed. Cambridge; London: Harvard University Press, 2003.

NOGUERAS, M. L'origine du drame satyrique: structure et sens d'une théorie péripatéticienne. **Dionysus ex machina**, Palermo, v.4, p.85-119, 2013. Disponível em: < <http://www.dionysusexmachina.it/pdf/articoli/121.pdf> >. Acesso em: 07 mar. 2014.

PALMEIRA, E. D. **Sófocles. Tragédias do ciclo troiano: Ajax, Electra, Filoctetes** seguidas de Os Rastejadores. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

PECHSTEIN, N. **Euripides satyrographos. Ein Kommentar zu den euripideischen Satyrspielfragmenten**. Stuttgart-Leipzig: Teubner, 1998. p.145-76.

PICKARD-CAMBRIDGE, A. W. **The dramatic festivals of Athens**. 2.ed. rev. by J. GOULD; D. M. LEWIS. Oxford: Oxford University Press, 1988.

PRITCHARD, D. M. Athletics in satyric drama. **Greece & Rome**, Cambridge, v.59, p.116, 2012.

RADT, S. **Tragicorum graecorum fragmenta**: Sophocles. Ed. corr. et add. aucta. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1999. v.4.

RIBEIRO JUNIOR, W. A. **Enganos, enganadores e enganados no mito e na tragédia de Eurípides**. 2011. 508f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SEAFORD, R. The date of Euripides' Cyclops. **The Journal of Hellenic Studies**, London, v.102, p.161-172, 1982.

SEIDENSTICKER, B. Dythiramb, comedy, and satyr-play. In: GREGORY, J. **A companion to Greek Tragedy**. 3.ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2005. p.38-54.

SHAW, C. **Satyric play: the evolution of greek comedy and satyr drama**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

SOARES, C. L. O Ciclope. In: SOARES, C. L. et al. **Eurípides. Tragédias I**. Lisboa: INCM, 2009. p.1-43.

SOMMERSTEIN, A. H. **Aeschylus fragments**. Cambridge; London: Harvard University Press, 2008.

STEFFEN, V. The satyr-dramas of Euripides. **Eos**, Wrocław, v.59, p.203-226, 1971.

ZIMMERMANN, B. **Handbuch der griechischen Literatur der Antike. Bd. 1: die literatur der archaischen und klassischen Zeit**. München: C. H. Beck, 2011.